

ARTIGO 07

HERMENÊUTICA PENTECOSTAL EM DIÁLOGO COM A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Otoniel Barbosa de Faria²¹³

RESUMO

A hermenêutica pentecostal no Brasil configura-se como um campo emergente que busca articular experiência espiritual e rigor acadêmico, superando a crítica de anti-intelectualismo. Fundamentada na Bíblia como Palavra de Deus e na atuação do Espírito Santo, ela se abre ao diálogo com ferramentas críticas, entre as quais se destaca a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). A metafunção interpessoal da LSF oferece recursos para analisar como as escolhas linguísticas moldam relações entre autor e leitor, evidenciando proximidade, tom categórico e proeminência. A leitura de Romanos 5.1-5 ilustra essa abordagem, mostrando a solidariedade de Paulo e a ênfase em verbos perfeitos, que reforçam a segurança da salvação presente. Desse modo, a LSF legitima uma hermenêutica pentecostal equilibrada entre exegese e experiência.

Palavras-chave: Hermenêutica Pentecostal; Linguística Sistêmico-Funcional; Metafunção Interpessoal; Interpretação Bíblica; Experiência Espiritual; Exegese; Romanos 5:1-5

ABSTRACT

Pentecostal hermeneutics in Brazil emerges as a field that seeks to integrate spiritual experience with academic rigor, overcoming the critique of anti-intellectualism. Grounded in the Bible as the Word of God and the work of the Holy Spirit, it engages in dialogue with critical tools, among which Systemic Functional Linguistics (SFL) stands out. The interpersonal metafunction of SFL provides resources to analyze how linguistic choices shape relationships between author and reader, highlighting proximity, categorical tone, and prominence. The reading of Romans 5:1-5 illustrates this approach, showing Paul's solidarity and the emphasis on perfect verbs,

²¹³Mestre em Estudos Bíblicos do Novo Testamento pelo Seminário Teológico Jonathan Edwards. E-mail: bf.otoniel@icloud.com

which reinforce the assurance of present salvation. Thus, SFL legitimates a Pentecostal hermeneutic balanced between exegesis and spiritual experience

Keywords: Pentecostal Hermeneutics; Systemic Functional Linguistics; Interpersonal Metafunction; Biblical Interpretation; Spiritual Experience; Exegesis; Romans 5:1–5

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.

A hermenêutica pentecostal tem começado a receber a relevância que lhe cabe dentro dos estudos teológicos no Brasil. Se observarmos que os pentecostais são maioria entre os protestantes, deve-se reconhecer como de suma importância os estudos sobre como esses cristãos leem suas Bíblias.

Mas o que é hermenêutica pentecostal? A hermenêutica pode ser confundida com técnicas de exegese. Todavia, a hermenêutica é anterior a análise do texto. Conforme Siqueira e Terra afirmam “quando trabalhamos o conceito de hermenêutica pentecostal não estamos falando propriamente de ferramentas instrumentais (...).²¹⁴ O foco é entender a própria arte da interpretação dentro da tradição carismática”.

Assim, deve-se compreender a hermenêutica pentecostal assim como outras tradições hermenêuticas, estabelecendo seus objetivos, limites e meios a partir de uma reflexão racional. Entretanto, como observa Valmir Nascimento afirma há “constantes afirmações de que o pentecostalismo é "um movimento à procura de uma teologia", ou, no máximo, um fenômeno religioso baseado em

²¹⁴ SIQUEIRA, Gutierrez; TERRA, Kenner. *Autoridade bíblica e experiência no Espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismático*. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 40.

uma teologia experiencial, com aversão à intelectualidade”.²¹⁵ Tal percepção reforça a relevância deste estudo: ao mesmo tempo em que busca oferecer fundamentos linguísticos à hermenêutica pentecostal, contribui para desconstruir a visão de que essa tradição permanece anti-intelectual.

O objetivo deste artigo é analisar de que maneira a Linguística Sistêmico-Funcional pode contribuir para a hermenêutica pentecostal, a partir da compreensão de que o texto carrega escolhas que orientam o significado interpessoal. Considerando que a hermenêutica pentecostal lê a Bíblia a partir da experiência, indaga-se: como a metafunção interpessoal pode direcionar essa leitura?

Para tanto, o artigo propõe: (1) apresentar brevemente os conceitos de hermenêutica pentecostal e de Linguística Sistêmico-Funcional; (2) comparar uma leitura pentecostal com uma leitura reformada de um texto bíblico; e (3) analisar de que forma a metafunção interpessoal pode fundamentar a hermenêutica pentecostal, evitando reducionismos subjetivistas em sua prática interpretativa.

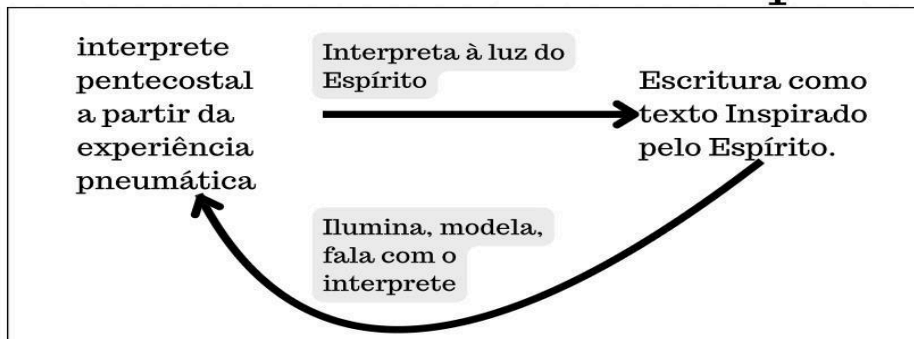
2. HERMENÊUTICA PENTECOSTAL

Hermenêutica pentecostal é um tema que tem ganhado relevância em pesquisas recentes. O que por um lado amplia a pesquisa e facilita o acesso, por outro lado fica mais difícil resumir o que se tem entendido por hermenêutica pentecostal. Em outro artigo²¹⁶ demonstro com uma ilustração o que seria a hermenêutica pentecostal, segue a ilustração:

²¹⁵ NASCIMENTO, V. N. M. S. *Teologia Pentecostal na praça pública: desafios e diretrizes para uma interface com a esfera política*. Revista Enfoque Teológico, v. 3, p. 91–126, 2016, p.92.

²¹⁶ BARBOSA, Otoniel. *Teoria da Resposta do Leitor e a Hermenêutica Pentecostal: Uma Análise Comparativa*. Revista Teológica Jonathan Edwards, Caruaru, v. IV, n. 1, p. 47–63, 2024. Disponível em: https://www.stjedwards.com/_files/ugd/aab8fd_29125c03d9644e9e8487b648c8fc02.pdf. Acesso em: 23 jul. 2025.

Limites da comunidade do Espírito



A imagem apresenta demonstra que (BARBOSA):

“o intérprete lê o texto a partir de sua experiência com o Espírito, a leitura/interpretação é mediada pelo Espírito, ou seja, o Espírito não apenas ilumina o texto, mas nos conduz a ouvir o que Deus fala no texto, o texto como Palavra de Deus fala conosco hoje, e nesse círculo hermenêutico dentro dos limites que o próprio povo de Deus, a comunidade pneumática, estabelece na história o significado do texto é encontrado”

O teólogo pentecostal brasileiro Claiton Pommerening também afirma a necessidade de falar sobre o divino através da experiência e não apenas através da razão, “pois a experiência do sagrado extrapola os limites desta. Assim, não hierarquicamente superior, mas holisticamente correlato, surge a necessidade de, concomitantemente, refletir e experienciar a teologia no pentecostalismo”.²¹⁷ O autor também afirma que “para se fazer teologia pentecostal é preciso dar importância à experiência e à emotividade presente no pentecostalismo”.²¹⁸

²¹⁷ POMMERENING, Claiton Ivan. *A experiência como elemento primário da teologia pentecostal*. Revista de Estudos Pentecostais Assembleianos, [S. l.], v. 1, 2017, p.2 Disponível em: <https://repas.emnuvens.com.br/revista/article/view/2>. Acesso em: 5 set. 2025.

²¹⁸ POMMERENING 2017, p.9.

Craig Keener argumenta que os primeiros pentecostais, assim como outros leitores em contextos de renovação espiritual, não viam as Escrituras apenas como registros do passado, mas como parte de uma narrativa contínua da ação de Deus. Sua leitura era profundamente devocional, buscando encontrar no texto bíblico uma experiência com o divino e interpretar a própria vida à luz das Escrituras.²¹⁹ Keener ressalta que essa abordagem experiencial não se limita ao movimento pentecostal inicial, mas continua sendo válida, desde que esteja enraizada na mensagem autêntica da Bíblia. Ele também observa que, assim como o contexto cultural dos autores e ouvintes bíblicos pode ajudar na compreensão do texto, a experiência espiritual atual pode iluminar sua leitura, permitindo maior identificação com os relatos bíblicos. A orientação do Espírito, visões e profecias, por exemplo, tornam-se mais compreensíveis quando há vivência espiritual semelhante.²²⁰ Keener enfatiza que a leitura bíblica, na perspectiva do Pentecostes, envolve humildade, missão, escatologia e a plena participação no mundo teológico retratado pelas Escrituras.²²¹

Gutierrez Siqueira e Kenner Terra ao conceituarem, no segundo capítulo, a hermenêutica pentecostal colocam os seguintes itens como bases introdutórias, a hermenêutica pentecostal:

1. É marcada pelo conceito sólido da Bíblia como Palavra de Deus
2. É consciente da experiência e marcada pela experiência
3. Usa insights da crítica da redação sem desacreditar a unidade das escrituras
4. É marcada pela narrativa
5. Não despreza a tradição

²¹⁹ KEENER, Craig. *A hermenêutica do Espírito: lendo as escrituras à luz do Pentecostes*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

²²⁰ KEENER, 2018.

²²¹ KEENER, 2018.

6. Deve culminar, por fim, em doxologia.²²²

A partir dos elementos destacados percebe-se que os autores delineiam a hermenêutica pentecostal como uma abordagem que integra reverência à Bíblia como Palavra de Deus, centralidade da experiência do Espírito, atenção à tradição e abertura moderada às ferramentas críticas, como a crítica da redação. Ao enfatizar a leitura narrativa e a culminância em doxologia, eles propõem uma hermenêutica que não busca apenas interpretar o texto, mas também envolver o leitor em uma resposta espiritual. Essa formulação revela uma tentativa de legitimar academicamente uma prática interpretativa já existente nas comunidades pentecostais, mas sem romper com seu caráter devocional e comunitário.

Archer aproxima a Hermenêutica pentecostal de uma teoria da resposta do leitor afirmando que:

A estratégia hermenêutica será uma abordagem narrativa que abrange uma negociação tridática de significado entre o texto bíblico, o Espírito Santo e a comunidade pentecostal. O significado então é alcançado através de um processo dialético baseado em uma relação dialógica interdependente entre a Escritura, Espírito e a comunidade. Uma estratégia hermenêutica pentecostal deveria preocupar-se tanto com a descoberta de significado como com a criação de significado. Isto é necessário porque toda comunicação escrita é indeterminada ou, melhor, subdeterminada. A comunicação escrita é subdeterminada no sentido de que é necessário um leitor para completar o evento comunicativo, produzindo assim significado.²²³

A partir dos elementos apresentados a hermenêutica pentecostal pode ser compreendida como uma abordagem interpretativa dinâmica e relacional, que reconhece a Bíblia como a Palavra de Deus e valoriza profundamente a experiência do Espírito na leitura do texto. Essa hermenêutica não se limita à

²²² SIQUEIRA; TERRA, 2020.

²²³ ARCHER, Kenneth J. *A pentecostal Hermeneutic: Spirit, Scripture and Community*. Cleveland: CPT, 2009, p.213, tradução nossa.

mera descoberta do significado original, mas enfatiza também a criação contínua de sentido por meio da interação dialógica entre a Escritura, o Espírito Santo e a comunidade de fé. Dessa forma, a interpretação torna-se um processo vivo e comunitário, no qual a mediação do Espírito guia o leitor a uma resposta espiritual que culmina em adoração, reafirmando o caráter devocional e missionário dessa tradição hermenêutica.

3. LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E METAFUNÇÕES DA LINGUAGEM

Para conseguirmos definir a metafunção interpessoal, que é o foco de nossa pesquisa, precisamos definir de forma breve e introdutória alguns conceitos anteriores. São eles: linguística sistêmico-funcional, contexto da cultura e contexto da situação.

Uma forma básica de entender a linguística sistêmica funcional é a afirmação de que escolhas implicam em significados. Deste modo, a língua é sistêmica pelo fato de que o falante/escritor possui uma rede (sistema) de opções e é funcional pelo fato de que suas escolhas desempenham certos papéis. Azevedo²²⁴ explica que Eggins evidencia quatro pontos teóricos importantes sobre a linguagem dentro da Linguística Sistêmico-Funcional, a saber: o uso da língua / linguagem é funcional; sua função primordial é produzir significados; esses significados são influenciados pelo contexto social e cultural de negociação; e o processo de uso da linguagem é semiótico. Vian expande a compreensão afirmando que:

²²⁴ AZEVEDO, Suzana de Carvalho Barroso. A construção discursiva de posicionamentos sobre avaliação educacional: um estudo sistêmico-funcional com professores da educação básica. 2015. 228 f. Tese (Doutorado em Letras/Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015, p.35. Apud EGGINS, S. *Uma Introdução à Linguística Sistêmico-Funcional*. Londres: Pinter Publisher.1994.

O modelo sistêmico-funcional, apresentado principalmente em Halliday (1978, 1994) e em Halliday e Matthiessen (2014), portanto, pode ser caracterizado a partir de quatro dimensões: social, semiótica, sistêmica e funcional. Social porque a língua é usada em contextos sócio-históricos por seus usuários para a produção de seus textos. Como diferentes signos e semioses são mobilizados para a construção de sentidos nos textos, é também semiótica. Pelo fato de a língua ser constituída por redes de sistemas linguísticos à disposição dos produtores textuais, é também sistêmica. Por fazer referência aos estratos linguísticos e sua relação com os significados construídos e com as funções desempenhada pela linguagem nas interações é, por fim, funcional.²²⁵

Partindo para nossa definição de contexto da cultura e contexto da situação concordamos com Bárbara e Macedo que afirmam: “a situação de fala, por sua vez, está inserida em um contexto de cultura específico. É a partir dos elementos da cultura que o falante seleciona os elementos de seu texto”.²²⁶

Conforme Barroso afirma

O contexto de cultura que circunda o texto e está relacionado às formas como diferentes culturas utilizam a língua. Obviamente, existem diversas maneiras de expressar significados, por exemplo, formas de tratamento e polidez que variam de acordo com as culturas. Logo, qualquer tipo de interação linguística não consiste apenas em sons e sinais trocados, mas envolve todo o contexto histórico daquela cultura e dos participantes envolvidos naquela prática. A interpretação do significado depende da realidade cultural dos falantes.²²⁷

²²⁵ VIAN JR., Orlando. *Contribuições da linguística sistêmico-funcional para o ensino e a aprendizagem de línguas adicionais*. Entretextos, Londrina, v. 24, n. 2, p. 12–30, 2024, p.18.

²²⁶ BARBARA, Leila; MACÊDO, Célia Maria M. de. *Linguística sistêmico-funcional para a análise de discurso um panorama introdutório*. Cadernos de Linguagem e Sociedade, Brasília, v. 10, n. 1, p. 89–107, 2010, p. 93.

²²⁷ BARROSO, Suzana de Carvalho. *Tematização e representação da prática docente: análise sistêmico-funcional da construção discursiva da profissão e da identidade do professor de inglês como língua estrangeira*. 2009. 127 f. Dissertação (Mestrado em

Então a partir do contexto da cultura temos o contexto da situação, que consiste:

nas variações de linguagem mais particulares dentro de cada cultura, conforme o momento em que ocorrem. O contexto de situação corresponde às características extralingüísticas dos textos que se realizam a partir dos padrões utilizados pelos falantes, consciente ou inconscientemente, para construir textos nas diferentes variedades (Butt et al, 1998). Sobre o contexto de situação, vale ressaltar ainda que a configuração contextual é formada por três elementos que determinam as escolhas linguísticas que, por sua vez, criam significados distintos. São eles: campo, relações e modo.²²⁸

Com essas informações, antes de irmos às metafunções da linguagem, precisamos entender dois conceitos. Relacionado ao contexto da cultura precisamos compreender o que é gênero (segundo Linguística sistêmica funcional), relacionado ao contexto da situação precisamos compreender registro. Silva explica resume os conceitos da seguinte maneira

O conceito de gênero relaciona-se ao contexto da cultura, e o conceito de registro é a dimensão do contexto de situação, que descreve a variação linguística como Campo (tópico ou foco da atividade), Relações (papel das relações de poder e solidariedade na interação) e Modo (papel da língua: oral, escrita, multimodal) do discurso. Esses contextos realizam-se semanticamente nos textos, que por sua vez representam o aspecto material e concreto do uso da linguagem. Em outras palavras, os textos sempre são o reflexo de uma estrutura de gênero e da variação linguística referente a campo, relações e modo, que se realizam por estruturas léxico-gramaticais específicas em cada situação de uso.²²⁹

Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p.32-33.

²²⁸ BARROSO, 2009, p.32-33.

²²⁹ SILVA, Edna Cristina Muniz da. *Gêneros na teoria sistêmico-funcional*. Delta: revista de estudos do discurso, v. 34, n. 1, p. 305–330, 2018, p. , p.306-307.

De maneira mais simples podemos ver que na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, a distinção entre gênero e registro pode ser elucidada por meio da analogia entre molde e tecido. O gênero corresponde ao "molde" socialmente reconhecido que estrutura globalmente um texto, como sermão, artigo de opinião ou receita, cada um com propósitos comunicativos e sequências textuais relativamente estáveis dentro de uma cultura. Já o registro equivale ao "tecido" com que esse molde é confeccionado, representando as escolhas linguísticas feitas conforme as variáveis do contexto da situação: o campo (o que está sendo feito), o tenor (quem participa e como se relacionam) e o modo (como a linguagem está sendo usada). Assim, enquanto o gênero determina a forma geral do texto com base em convenções culturais, o registro revela como a linguagem se adapta funcionalmente a cada situação específica, possibilitando, por exemplo, que um mesmo gênero — como um sermão — seja realizado com diferentes registros, formais ou coloquiais, dependendo do público e do contexto comunicativo.

Indo agora para as metafunções da linguagem, vemos a linguagem: representar o mundo, construir relações e organizar o discurso. A primeira está ligada ao conteúdo da mensagem, a segunda ao modo como nos relacionamos com os outros, e a terceira à forma como a informação é apresentada. O modo do discurso ativa “a metafunção semântica textual²³⁰, incluindo sua “estrutura genérica, estrutura textual (temática informativa) e coesão”.²³¹

²³⁰ A Metafunção Textual consiste na possibilidade que a linguagem oferece de organizar a mensagem de forma que seja reconhecível para o ouvinte/leitor. Essa Metafunção organiza significados ideacionais e interpessoais em um todo coerente e linear e, por conseguinte, pode ser vista como uma função que estrutura as outras duas (Ideacional e Interpessoal) simbolicamente (Vieira, 2020, p.54).

²³¹ PORTER, Stanley; O'DONNELL, *Matthew Brook*. *Discourse Analysis and the Greek New Testament*. Londres: T&T Clark, 2023, p.89, tradução nossa.

Para Azevedo, o campo do discurso corresponde ao tipo de ação que está ocorrendo no texto e às experiências representadas por meio da linguagem — sejam elas ações físicas, mentais ou relacionais.²³² O campo do discurso “está diretamente associado à metafunção ideacional, que diz respeito “ao que vamos expressar, o assunto de nosso texto, o conteúdo de nossa mensagem”.²³³ Reed explica os significados ideacionais da seguinte maneira:

Significados Ideacionais referem-se ao que está 'acontecendo' no texto com relação ao que está acontecendo fora do texto, ou seja, o uso da linguagem para representar 'ações, acontecimentos, sentimentos e seres' no mundo real ou imaginado. Isso é o que as pessoas geralmente têm em mente quando falam sobre o que uma palavra ou frase 'significa'—ou seja, o 'conteúdo' da linguagem.²³⁴

Se o campo do discurso está realizando a metafunção ideacional, o modo realizando a metafunção textual, temos que o teor realiza a metafunção interpessoal do texto. Conforme Porter e O'Donnell (2023, p.90, tradução nossa) o teor do discurso está preocupado com o “a quem” do texto. Como explica Azevedo (2015, p. 35) “em termos interpessoais, o uso da língua revela as relações humanas construídas na interação; o papel do falante é definido em relação ao seu interlocutor e em sintonia com o que é comunicado e negociado em termos de sentidos”. Bárbara e Macedo concordam afirmando que:

A metafunção interpessoal parte da variável de contexto de situação das relações. Ela representa os falantes, suas intenções, relações; é através da metafunção interpessoal que se manifesta a interação entre os participantes da situação e deles com a sociedade, como interagem, o grau de distância/proximidade ou de poder/solidariedade existente entre eles, a responsabilidade que assumem quanto à

²³² AZEVEDO, 2015.

²³³ VIAN, 2024 p. 16.

²³⁴ REED, Jeffrey. *A discourse analysis of Philipians*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997., p.62, tradução nossa

mensagem que transmitem, se o fazem de maneira assertiva/categórica, ou não (Bárbara e Macedo, 2010, p.100).

Assim temos que a metafunção interpessoal diz respeito à forma como os falantes constroem relações sociais por meio da linguagem, posicionando-se diante do outro com diferentes graus de autoridade, envolvimento ou distância. Somado a isso temos a noção de proeminência que se refere aos elementos que são destacados no discurso²³⁵, orientando o leitor sobre o que é mais relevante na progressão textual. Conforme Porter:

“Marcação” é um termo que começou na fonologia para descrever a presença ou ausência de características fonológicas específicas. Foi estendido para implicar uma série de meios diferentes pelos quais elementos mais ou menos significativos podem ser identificados. Às vezes, estes giram em torno da frequência da aparência, com o significado

²³⁵ Sobre o aspecto verbal e seu uso na proeminência seguimos os autores a seguir que entendem o sistema das formas verbais gregas como aspectual (ou seja, a forma verbal revela a perspectiva do autor em relação a ação) e não como tipo de ação ou que os verbos expressam tempo. Além disso os autores apresentam um sistema de marcação/destaque, onde temos forma verbal, modo, voz, pessoa, número e caso mais marcado ou menos marcado. As obras que trazem essas pesquisas são: ARAÚJO, Lucas. Aspecto Verbal no Grego do Novo Testamento. Revista Teológica Jonathan Edwards. v.4, n. 3, p.5-28, 2024. NUNES, Guilherme. *Aspecto verbal como indicador de proeminência no grego do novo testamento na perspectiva de Stanley E. Porter e Jeffrey T. Reed*. 2015. Acesso em 19 de setembro de 2024. Disponível em: https://www.academia.edu/42175568/ASPECTO_VERBAL_COMO_INDICADOR_DE_PROEMINÊNCIA_NO_GREGO_DO_NOVO_TESTAMENTO_NA_PERSPECTIVA_D_E_STANLEY_E_PORTER_E_JEFFREY_T_REED. MATHEWSON, David; EMIG, Ballantine. *Intermediate Greek Grammar*. Grand Rapids: Baker Academic, 2016. PORTER, Stanley. *Idioms of the Greek New Testament*. London: Sheffield Acadêmico Press, 1994. PORTER, Stanley. *Hermeneutics, Linguistics, and the Bible: the importance of context*. Londres: T&T Clark, 2024. PORTER, Stanley; O'DONNELL, Matthew Brook. *Discourse Analysis and the Greek New Testament*. Londres: T&T Clark, 2023. PORTER, Stanley; REED, Jeffrey. *Discourse Analysis and the New Testament*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999. PORTER, Stanley. The Perfect isn't Perfect-It's Stative. In: CAMPBELL, Constantine, FANNING, Buist, e PORTER, Stanley. *The Perfect Storm*. New York: Peter Lang Group, 2021.p.105-127. WESTFALL, Cynthia Long. *A Discourse Analysis of the Letter to the Hebrews*. Londres: T&T Clark, 2006

determinado em proporção inversa à frequência; outras vezes eles giram em torno da morfologia; e outras ainda giram em torno da complexidade do conceito. Relacionada à marca está a noção de proeminência ou saliência. Acho que vale a pena explorar como, em cada nível de uma linguagem, certas características são enfatizadas, seja por meios sintagmáticos ou paradigmáticos (ou seja, ordenação ou substituição). Uma maneira de falar sobre isso é em termos de proeminência ou saliência. Proeminência é a marca motivada. Ou seja, envolve características marcadas que são (por qualquer meio) mostradas como motivadas em um contexto específico, de modo que uma determinada dimensão de um texto seja trazida à tona.²³⁶

Essas duas dimensões se articulam quando, por exemplo, um autor bíblico utiliza formas verbais específicas, vocativos enfáticos e um tom exortativo. Nesse caso, além de estabelecer uma relação interpessoal marcada por autoridade ou urgência, o autor também confere proeminência discursiva àquilo que deseja enfatizar, conduzindo o leitor à percepção de que tal conteúdo é central em sua argumentação. Conforme Westfall afirma que a proeminência é uma estratégia para criar o envolvimento dos destinatários com o texto e as categorias de proeminência são realizadas em grande parte na estrutura interpessoal do discurso.²³⁷

Compreendidos os fundamentos da linguística sistêmico-funcional, bem como as noções de contexto da cultura, contexto da situação, gênero e registro, podemos agora nos voltar mais diretamente à metafunção interpessoal. Tendo em vista que essa metafunção organiza as relações entre os interlocutores, torna-se particularmente relevante analisá-la em sua interface com a hermenêutica pentecostal, já que está se constrói a partir de uma interação viva entre texto, leitor e comunidade de fé. É nesse ponto que começamos a perceber como os

²³⁶ PORTER, Stanley E. *Linguistic Analysis of the Greek New Testament*. Grand Rapids: Baker Academic, 2015, tradução nossa.

²³⁷ Westfall 2006, p.79, tradução nossa.

recursos interpessoais da linguagem podem evidenciar aspectos característicos da leitura pentecostal das Escrituras.

4. UMA CONTRIBUIÇÃO DA METAFUNÇÃO INTERPESSOAL À HERMENÊUTICA PENTECOSTAL

Quando pensamos em uma hermenêutica que reconhece o lugar hermenêutico do leitor, enfatizando na leitura a experiência corre-se o risco de perder o sentido do texto. Ao mesmo tempo que tentar negar os pressupostos do leitor ou tentar fazer uma leitura neutra é outro tipo de falácia. Portanto, pentecostais devem procurar ferramentas que sustentem exegeticamente uma leitura experiencial do texto. Terra e Mesquiati, fazem a seguinte afirmação:

A distinção entre a típica leitura fundamentalista da Bíblia e a pentecostal pode ajudar a compreender seus detalhes particulares. Enquanto a primeira enfatiza o didático, a segunda valoriza o elemento carismático; a primeira encontra suas garantias na inerrância da Escritura, a segunda tem as suas nos dons do Espírito; a primeira centra-se na orientação teológica, a segunda estabelece-se na experiência; a primeira enfatiza os elementos racionais, a segunda estabelece como eixo os não racionais.²³⁸

Quando eles afirmam que a leitura pentecostal valoriza o elemento carismático, os dons do Espírito e eixos não racionais em sua interpretação, eles de fato a acertam. Porém, ao fazer isso contrapondo com a leitura fundamentalista da Bíblia, pelo menos ao que parece no texto deles, a leitura pentecostal descarta inerrância, orientação teológica e elementos racionais. Se nossa interpretação do trecho estiver correta, a Hermenêutica pentecostal seria uma espécie de

²³⁸ TERRA, Kenner e MESQUIATI, D. *Interpretando a Bíblia a partir do Espírito*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.

desconstrução do texto a partir da experiência, um tipo de leitura que não parece ser a que outros teólogos pentecostais propõem, como apresentado acima.

Portanto, entendemos que a leitura pentecostal pode ser, ao mesmo tempo, experiencial, mística, comunitária, exegética e racional. Nesse sentido, a Linguística Sistêmico-Funcional se apresenta como uma ferramenta valiosa para o intérprete pentecostal, pois permite articular forma e significado em contextos específicos. Um exemplo promissor, que pode ser explorado em pesquisas futuras, é a distinção entre o uso das expressões “batizados no Espírito” e “cheios do Espírito” por Paulo e Lucas. A partir da noção de idioleto — o conjunto de escolhas linguísticas particulares de um indivíduo, moldadas por sua história, experiências e práticas sociais — torna-se possível fundamentar que, mesmo utilizando termos semelhantes, Paulo e Lucas podem estar expressando sentidos diferentes, conforme seus contextos e intenções teológicas. Cada aspecto da linguística sistêmico-funcional poderá ser abordado em contribuição a hermenêutica pentecostal, em nossa pesquisa iremos utilizar da metafunção interpessoal como contribuinte a hermenêutica pentecostal.

Para exemplificar faremos a análise da metafunção interpessoal em Romanos 5.1-5:

1. Como Paulo se coloca em relação aos destinatários? Observe o grau de proximidade que Paulo apresenta através de verbos, participios e pronomes: Δικαιωθέντες, ἔχομεν, ἡμῶν (5.1,5), ἐσχίκαμεν ἐστήκαμεν, καυχώμεθα (5.2,3), εἰδότες (particípio plural), ἡμῖν. Paulo está solidariedade com os destinatários, ele se identifica com eles. Portanto, não há relação de poder ou distância, como por exemplo Mestre-aluno, há igualdade.

2. Paulo é categórico ou assertivo²³⁹? Ao observarmos que todos os verbos da passagem são do modo indicativo, não temos conjunções condicionais e que Paulo e os destinatários estão envolvidos nas ações (por exemplo: justificados, temos paz, estamos firmes, Espírito derramado em nossos corações), temos um texto categórico, Paulo expressa no texto um categórico. A linguagem utilizada transmite plena certeza e autoridade sobre as verdades declaradas, sem espaço para condicionais ou dúvidas, revelando o compromisso de Paulo com uma proclamação enfática e segura da experiência de salvação e esperança cristã.
3. O que é mais proeminente na passagem? Quanto aos versículos 1 e 2a podemos seguir Araújo²⁴⁰

No capítulo 5 de Romanos, Paulo muda o tópico da sua discussão. Por isso, no versículo 1, ele assume que, uma vez que seus leitores estão justificados (Δικαιωθέντες, aoristo), agora eles têm paz com Deus (ἔχομεν, presente). A realidade da justificação (em plano de fundo), é colocada como contexto para a questão de reconciliação (em primeiro plano), que é mais relevante para Paulo nesse momento. Em seguida Paulo declara enfaticamente, com dois perfeitos, o status o qual essa audiência tem: eles obtêm acesso à graça e permanecem nela (ἔσχήκαμεν, ἔστήκαμεν v.2).

²³⁹ Em estudos linguísticos e pragmáticos, um enunciado ou texto é chamado de assertivo quando o falante expressa uma ideia, opinião ou fato com algum grau de certeza, porém admite a possibilidade de contestação ou revisão. Já um enunciado é considerado categórico quando é apresentado com absoluta certeza e autoridade, sem deixar espaço para dúvida ou contestação, manifestando uma posição firme e definitiva. Enquanto o texto assertivo pode ser mais flexível e aberto ao diálogo, o categórico assume um tom impositivo ou de convicção plena, muitas vezes associado a comandos, dogmas ou afirmações inquestionáveis.

²⁴⁰ ARAÚJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2024, p23.

Os versículos 2b-5 apresentam, também a partir da realidade da justificação (pano de fundo de 1-2a), o gloriar-se (primeiro plano *καυχώμεθα* v.2b e 3) na esperança da glória e nas tribulações. Um participio perfeito plural (*ειδότες*) traz uma marcação para as informações sobre a tribulação, essa informação é de primeiro plano com verbos presente sobre o que a tribulação produz (v.3b) e sobre a esperança - que é resultado da indireto da tribulação - não decepcionar ou confundir (v.4-5a). A última frase temos uma declaração enfática (verbo perfeito *ἐκκέχυται*) sobre o amor ser derramado em nossos corações, através do Espírito. A proeminência da passagem está nos verbos no perfeito que indicam a realidade consumada e atual da nova posição dos crentes: “obtivemos acesso” (*ἐσχήκαμεν*), “estamos firmes” (*ἐστήκαμεν*) e “foi derramado” (*ἐκκέχυται*). Essas formas verbais marcam o primeiríssimo plano do discurso, revelando o que Paulo deseja destacar com maior ênfase. Trata-se da segurança da reconciliação com Deus, do status de acesso contínuo à graça e da experiência do amor divino pelo Espírito Santo — elementos teológicos e relacionais que Paulo posiciona como centrais em sua argumentação.

Portanto, a escolha de Paulo por uma proximidade solidária com seus destinatários, o tom categórico de suas declarações e a proeminência das formas verbais perfeitas (que enfatizam o obter acesso a graça na qual estamos firmes e o amor de Deus derramado em nós) apontam para um significado interpessoal que visa não apenas afirmar verdades teológicas, mas consolidar uma identidade coletiva segura e experiencialmente ancorada.

A partir disso, perguntamos: o que isso contribui para a hermenêutica pentecostal? Para conseguirmos responder tal pergunta trechos de comentários da carta aos Romanos:

Comentário reformado	Comentário pentecostal
<p>Schreiner ao contrário das esperanças neste mundo, está esperança não trará vergonha no dia do julgamento, porque a experiência do amor de Deus no presente através do Espírito Santo demonstra infalivelmente que os crentes não experimentarão a ira de Deus no último dia.²⁴¹</p> <p>Schreiner o amor de Deus é experimentado quando o Espírito é derramado em nossos corações, indicando que o Espírito encha os crentes com o amor de Deus. O que Paulo se refere aqui é a experiência dinâmica do Espírito na vida de alguém. Os Crentes sabem que serão poupados da ira de Deus porque atualmente experimentamos amor de Deus por através do ministério do Espírito Santo.²⁴²</p>	<p>Van Johnson a graça só é plenamente experimentada quando chegamos a um lugar de desespero, uma situação na qual nós achamos completamente dependentes de Deus. A teologia pentecostal ressalta corretamente o poder de Deus para nos livrar das tribulações.²⁴³</p> <p>Van Johnson, por conseguinte, seria o caso de Paulo estar descrevendo o que os pentecostais chamam "batismo com o Espírito"(...). O que Paulo quer dizer é que o impacto inicial do derramamento de amor continua reverberando na vida cotidiana do cristão. Fee comenta que o efeito do batismo com o Espírito sobre as pessoas que ele conheceu em sua educação pentecostal teve o mesmo efeito que Paulo descreve aqui nos versículos 2 a 5: Deu uma garantia "do amor de Deus e da própria glória futura deles".²⁴⁴</p>

A leitura de Romanos 5 por Thomas Schreiner e Van Johnson revela diferenças teológicas entre as tradições reformadas e pentecostal. Schreiner (2018) interpreta a passagem a partir da certeza escatológica da salvação, destacando que a experiência do Espírito Santo é evidência da justificação e

²⁴¹ SCHREINER, Thomas R. Romanos. 2. ed. *Grand Rapids*: Baker Academic, 2018. (Baker Exegetical Commentary on the New Testament), p.261, tradução nossa.

²⁴² SCHREINER, 2018, p.265, tradução nossa.

²⁴³ JOHNSON, Van. *Romanos*. In: ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger (Org.). *Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 817–891, p.841.

²⁴⁴ JOHNSON, 2003, p.842.

garantia de livramento da ira futura. Já Van Johnson (2003), dentro de uma tradição pentecostal, compreende o texto a partir da experiência do batismo com o Espírito, cuja ação continua reverberando na vida do crente. Enquanto Schreiner até menciona o experimentar o amor e o Espírito, Van Johnson menciona as experiências com Espírito, e também a experiência com as tribulações como formas para ler o texto.

Tendo demonstrado que há certa diferença na interpretação quando se parte de lugares hermenêuticos diferentes, devemos perguntar: o que levou Van Johnson a chegar a essas conclusões sobre o texto? Van Johnson explica

O pano de fundo da associação do verbo grego ἐκκέχυται com o Espírito Santo é encontrado em Joel 2.28-30. onde a promessa é dada em relação ao Espírito ser derramado sobre toda a carne (veja Fee, 1994, p. 497, n. 70; Dunn). De fato, está profecia do Antigo Testamento foi citada no Dia de Pentecostes como interpretação do que tinha acontecido naquele dia (At 2). Esta mesma associação aparece na descrição da descida do Espírito sobre a casa de Cornélio em Atos 10.45.²⁴⁵

Deste modo, podemos afirmar que a base da leitura de Rm 5 de Van Johnson é fundamentada em uma leitura canônica ou teológica. O que propomos é que uma leitura pentecostal pode ser feita à luz da metafunção interpessoal. Temos os seguintes motivos para isso:

1. A proximidade que Paulo coloca no texto, leva o leitor a se identificar no texto, em conjunto com Paulo. Ou seja, a análise do discurso ao observar o teor do discurso que efetua a metafunção interpessoal, permite ao intérprete analisar se o texto coloca o leitor como participante ou não dos processos descritos. E no nosso exemplo, temos que o leitor é levado a

²⁴⁵ JOHNSON, 2003, p.841.

olhar para sua experiência com o Espírito, e sendo pentecostal haverá uma ênfase na experiência carismática do Espírito.

2. O intérprete pentecostal ao fazer uma análise do discurso e identificar o teor categórico, tem um fundamento para afirmar que a experiência descrita por Paulo não é uma experiência que pode ou não acontecer. Ou seja, o intérprete pentecostal pode fundamentar a sua doutrina da experiência com Espírito, reforçando a certeza de tal experiência.
3. Proeminência nos verbos ἐσχίκαμεν, ἐστήκαμεν e ἐκκέχεται, contribui de forma significativa à hermenêutica pentecostal, pois destaca a realidade espiritual já iniciada e experienciada no tempo presente. Essa ênfase verbal se alinha à centralidade pentecostal na experiência atual do Espírito Santo e na atuação contínua da graça. O uso do perfeito — que segundo Porter possui um aspecto estativo — reforça a compreensão pentecostal de que a salvação não é apenas uma realidade futura, mas uma vivência presente, acessível e transformadora, ou seja, estamos em um estado de permanência na graça, estamos em um estado de ter sobre nós o Espírito derramado. ²⁴⁶Assim, a linguagem paulina sustenta uma leitura que valoriza o testemunho do Espírito como garantia da salvação e a permanência da graça como realidade experiencial, elementos centrais na espiritualidade pentecostal.

Diante disso, concluímos que a metafunção interpessoal fornece ao intérprete pentecostal uma base linguística robusta para sustentar uma leitura que une experiência espiritual e responsabilidade exegética.

²⁴⁶ PORTER, 1994.

CONCLUSÃO

As reflexões desenvolvidas neste artigo tiveram como objetivo analisar de que maneira a Linguística Sistêmico-Funcional pode contribuir para a hermenêutica pentecostal. Partimos do reconhecimento de que a tradição pentecostal lê o texto bíblico a partir de suas experiências, o que muitas vezes gera críticas quanto a uma suposta fragilidade teórica ou tendência ao subjetivismo.

A análise permitiu demonstrar que a Linguística Sistêmico-Funcional, especialmente por meio da metafunção interpessoal, oferece categorias úteis para compreender como as escolhas linguísticas dos textos bíblicos direcionam a interação entre autor e leitor. Isso possibilita à hermenêutica pentecostal articular sua dimensão experiencial com fundamentos linguísticos mais consistentes, evitando reducionismos subjetivistas e reforçando sua legitimidade acadêmica.

A contribuição deste estudo, portanto, está em mostrar que o diálogo entre teologia pentecostal e linguística pode abrir novos horizontes para a interpretação bíblica, superando dicotomias tradicionais entre espiritualidade e racionalidade. Ainda que não se tenha esgotado o tema, o trabalho evidencia a importância de pensar a hermenêutica pentecostal em interlocução com outras ciências, como forma de fortalecer seu espaço nos estudos teológicos contemporâneos.

Nesse sentido, ecoamos Pommerening, para quem “o diálogo saudável entre a academia e a igreja é a garantia de que ambas seguirão no caminho da cruz, construindo uma Teologia relevante para que comunidades sejam atingidas pela Palavra viva e pela verdade libertadora e inclusiva de Cristo”.²⁴⁷Tal

²⁴⁷ POMMERENING, Claiton Ivan. Pentecostalismo líquido: fluidez teológica entre os pentecostalismos. AZUSA: Revista de Estudos Pentecostais, [S. l.], v. 4, n. 1, 2013, p.21. Disponível em: <https://azusa.emnuvens.com.br/revista/article/view/29>. Acesso em: 5 set. 2025.

perspectiva reforça a necessidade de uma hermenêutica pentecostal que una experiência e rigor acadêmico, de modo que sua contribuição seja, ao mesmo tempo, fiel à fé pentecostal e socialmente transformadora

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2024

ARCHER, Kenneth J. *A pentecostal Hermeneutic: Spirit, Scripture and Community*. Cleveland: CPT, 2009.

AZEVEDO, Suzana de Carvalho Barroso. *A construção discursiva de posicionamentos sobre avaliação educacional: um estudo sistêmico-funcional com professores da educação básica*. 2015. 228 f. Tese (Doutorado em Letras/Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015

BARBARA, Leila; MACÊDO, Célia Maria M. de. Linguística sistêmico-funcional para a análise de discurso um panorama introdutório. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 89–107, 2010.

BARBOSA, Otoniel. *Teoria da Resposta do Leitor e a Hermenêutica Pentecostal: Uma Análise Comparativa*. Revista Teológica Jonathan Edwards, Caruaru, v. IV, n. 1, p. 47–63, 2024. Disponível em: https://www.stjedwards.com/_files/ugd/aab8fd_29125c03d9644ece9e8487b648c8fc02.pdf. Acesso em: 23 jul. 2025.

BARROSO, Suzana de Carvalho. *Tematização e representação da prática docente: análise sistêmico-funcional da construção discursiva da profissão e da identidade do professor de inglês como língua estrangeira*. 2009. 127 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

EGGINS, S. *Uma Introdução à Linguística Sistêmico-Funcional*. Londres: Pinter Publisher, 1994.

KEENER, Craig. *A hermenêutica do Espírito: lendo as escrituras à luz do Pentecostes*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

NASCIMENTO, V. N. M. S. *Teologia Pentecostal na praça pública: desafios e diretrizes para uma interface com a esfera política*. Revista Enfoque Teológico, v. 3, p. 91–126, 2016

POMMERENING, Claiton Ivan. *Pentecostalismo líquido: fluidez teológica entre os pentecostalismos*. AZUSA: Revista de Estudos Pentecostais, [S. l.], v. 4, n. 1, 2013. Disponível em: <https://azusa.emnuvens.com.br/revista/article/view/29>. Acesso em: 5 set. 2025.

POMMERENING, Claiton Ivan. *A experiência como elemento primário da teologia pentecostal*. Revista de Estudos Pentecostais Assembleianos, [S. l.], v. 1, 2017. Disponível em: <https://repa.emnuvens.com.br/revista/article/view/2>. Acesso em: 5 set. 2025

PORTER, Stanley E. *Linguistic Analysis of the Greek New Testament*. Grand Rapids: Baker Academic, 2015.

PORTER, Stanley; O'DONNELL, Matthew Brook. *Discourse Analysis and the Greek New Testament*. Londres: T&T Clark, 2023.

PORTER, Stanley. *Idioms of the Greek New Testament*. London: Sheffield Acadêmico Press, 1994.

REED, Jeffrey. *A discourse analysis of Philippians*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997.

SCHREINER, Thomas R. *Romans*. 2. ed. Grand Rapids: Baker Academic, 2018. (Baker Exegetical Commentary on the New Testament)

SILVA, Edna Cristina Muniz da. *Gêneros na teoria sistêmico-funcional*. Delta: revista de estudos do discurso, v. 34, n. 1, p. 305–330, 2018.

SIQUEIRA, Gutierrez; TERRA, Kenner. *Autoridade bíblica e experiência no Espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismático*. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2020.

TERRA, Kenner e MESQUIATI, D. *Interpretando a Bíblia a partir do Espírito*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.

JOHNSON, Van. *Romanos*. In: ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger (Org.). *Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 817–891

VIAN JR., Orlando. *Contribuições da linguística sistêmico-funcional para o ensino e a aprendizagem de línguas adicionais*. *Entretextos*, Londrina, v. 24, n. 2, p. 12–30, 2024.